



MUSEU HISTÓRICO  
DE IGARASSU

**GOVERNO DO ESTADO  
DE PERNAMBUCO**

GOVERNADOR  
**Paulo Câmara**

**SECRETARIA DE TURISMO – SETUR**

SECRETÁRIO  
**Felipe Carreras**

SECRETÁRIO EXECUTIVO  
DE TURISMO  
**Antônio Limeira**

SECRETÁRIA EXECUTIVA PRODETUR  
**Manuela Marinho**

GERENTE GERAL PRODETUR  
**Rafael Ferraz**

**EQUIPE TÉCNICA PRODETUR  
NACIONAL PE**

SUPERINTENDENTE DE MEIO  
AMBIENTE  
**Genival Costa de Barros**

SUPERINTENDENTE TÉCNICO  
DE TURISMO  
**Joel Vicente Muniz**

SUPERINTENDENTE DE  
INFRAESTRUTURA  
**Sérgio Henrique**

SUPERINTENDENTE TÉCNICO  
DE AQUISIÇÃO DE CONTRATOS  
E CONVÊNIOS  
**Patrícia de Carvalho Freire**

**EQUIPE TÉCNICA CONSÓRCIO  
PROJETEC/ECOPLAN  
(GERENCIADORA)**

COORDENAÇÃO GERAL  
**Luís Antonio Rosa**

COORDENAÇÃO DE PLANEJAMENTO  
E MONITORAMENTO  
**Carlos Alberto Miranda**

COORDENAÇÃO DE MEIO AMBIENTE  
**Roseane Carla Soares**

ESPECIALISTA EM ARQUITETURA  
E PATRIMÔNIO HISTÓRICO  
**Ana Cláudia Fonseca**

**EQUIPE TÉCNICA (EMPRESA  
CONSULTORA)**

CONCEPÇÃO  
**Instituto Odeon**

DIRETORA EXECUTIVA |  
COORDENAÇÃO GERAL  
**Ana Carolina Lara**

DIRETOR PRESIDENTE | PRODUÇÃO  
EXECUTIVA  
**Carlos Gradim**

DIRETOR DE OPERAÇÕES E FINANÇAS  
**Jimmy Keller**

COORDENAÇÃO DO PROJETO  
**Ingrid Melo**

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO  
**Hannah Drumond**

COORDENAÇÃO DE OPERAÇÕES  
**Roberta Kfuri**

ARQUITETURA E ACESSIBILIDADE  
**Lucia Padilha**

PESQUISA E CURADORIA  
**Marília Palmeira**

TEXTOS E PESQUISA  
**Jorge Paes Barreto, Isaac Lopes  
Garcia de Melo e Marília Palmeira**

ASSISTENTE DE PESQUISA  
DE IMAGEM  
**Amina Vergara e Nataraj  
Trinta | N3o Pesquisas**

REVISÃO TÉCNICA  
**George Cabral**

PROJETO GRÁFICO  
**Zoludesign**

CONTEÚDO AUDIOVISUAL  
**Filmegraph**

TRADUÇÃO  
**John Andrews**

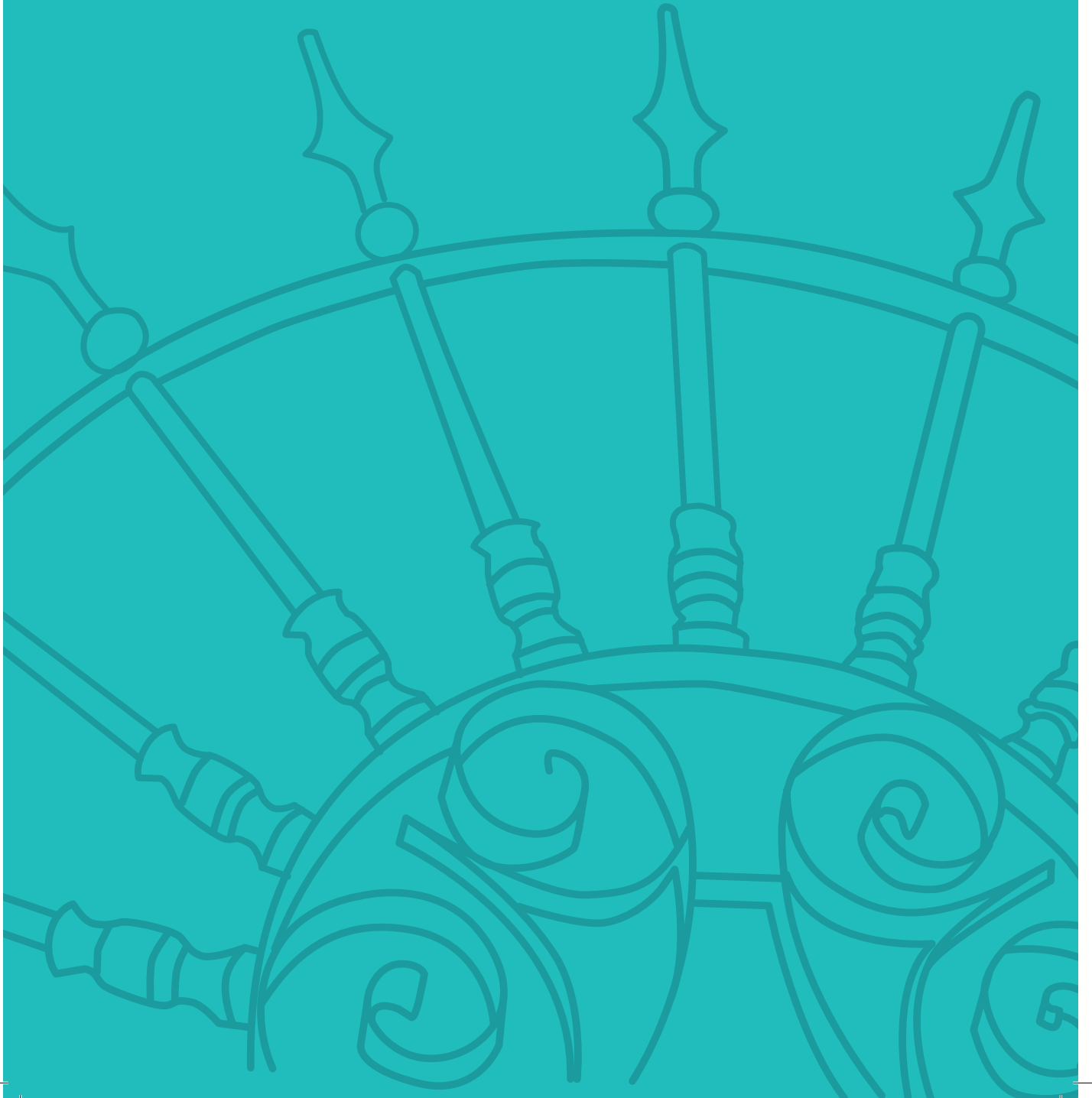
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO  
**Marina Cavalcanti**

CENOTECNIA  
**[INCLUIR EMPRESA]**

SINALIZAÇÃO  
**[INCLUIR EMPRESA]**



MUSEU HISTÓRICO  
DE IGARASSU





**7** APRESENTAÇÃO

**8** O ACERVO ARQUEOLÓGICO DO  
MUSEU HISTÓRICO DE IGARASSU

**12** O DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
HISTÓRICA DO MUSEU HISTÓRICO  
DE IGARASSU

**14** A CONQUISTA

**20** A EVOLUÇÃO URBANA DE IGARASSU

**34** O ENGENHO E A SENZALA

**40** VERSÃO EM INGLÊS | *ENGLISH VERSION*



## APRESENTAÇÃO

O Museu Histórico de Igarassu (MHI) começou a ser formado no ano de comemoração do Tricentenário da Restauração contra o domínio holandês, 1954, com a fundação da Galeria da Restauração no térreo do Sobrado do Imperador, pelo Instituto Histórico de Igarassu.

O acervo do museu ampliou-se por meio da doação de particulares. Com a criação, em 1955, da Galeria Nazaré e da Galeria Sacra Padre Machado, mais objetos foram doados. Em 1956, devido ao mau estado em que se encontrava o Sobrado do Imperador, tanto o Instituto Histórico quanto o museu mudaram-se, provisoriamente, para o edifício da Casa de Câmara e Cadeia. Em 1958 o Instituto Histórico adquiriu o prédio situado à rua Barbosa Lima, 18, e providenciou sua imediata restauração e adaptação, tornando-o sede da instituição e de seu museu no mesmo ano.

Em 1972, o município de Igarassu assumiu a conservação e manutenção do MHI, que foi ampliado, instalando no prédio vizinho o salão de reuniões e a biblioteca do Instituto Histórico. Em 1983 o MHI passou a abrigar uma série de documentos importantes para a história de Igarassu oriundos do Cartório do Ofício Único e, anos depois, em 1985, visando preservá-los e catalogá-los, criou o Departamento de Pesquisa Histórica – D.P.H., que hoje reúne 18,5 metros lineares de documentos oriundos do cartório.

Atualmente, o Museu Histórico de Igarassu ocupa três casas de taipa de pilão do século XVIII, reunindo valioso acervo com mais de 500 itens em reserva técnica e em exposição, com destaque para as peças sacras, numismáticas, mobiliárias e armas. Em 2018 foi finalizado o projeto de requalificação do espaço, visando atender o turista e o visitante local, com o apoio do Programa de Desenvolvimento do Turismo (Prodetur) e recursos oriundos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).





# O acervo arqueológico do Museu Histórico de Igarassu

O Museu Histórico de Igarassu possui uma coleção arqueológica composta de doações realizadas à instituição. Os materiais não foram conseguidos por meio de pesquisas arqueológicas sistemáticas e, portanto, perderam a relação contextual que havia entre elas e o ambiente encontrado. Contudo, continuam sendo um ótimo exemplo dos diversos tipos de materiais passíveis de serem encontrados em contextos arqueológicos do município.

O material pré-histórico da coleção compreende ferramentas líticas e uma urna funerária contendo ainda restos humanos. Tais vestígios permitem obter uma série de informações sobre os grupos que as produziram. Os materiais líticos permitem acessar conhecimentos tecnológicos de um grupo e escolhas feitas para a matéria-prima das ferramentas. Sepultamentos

10

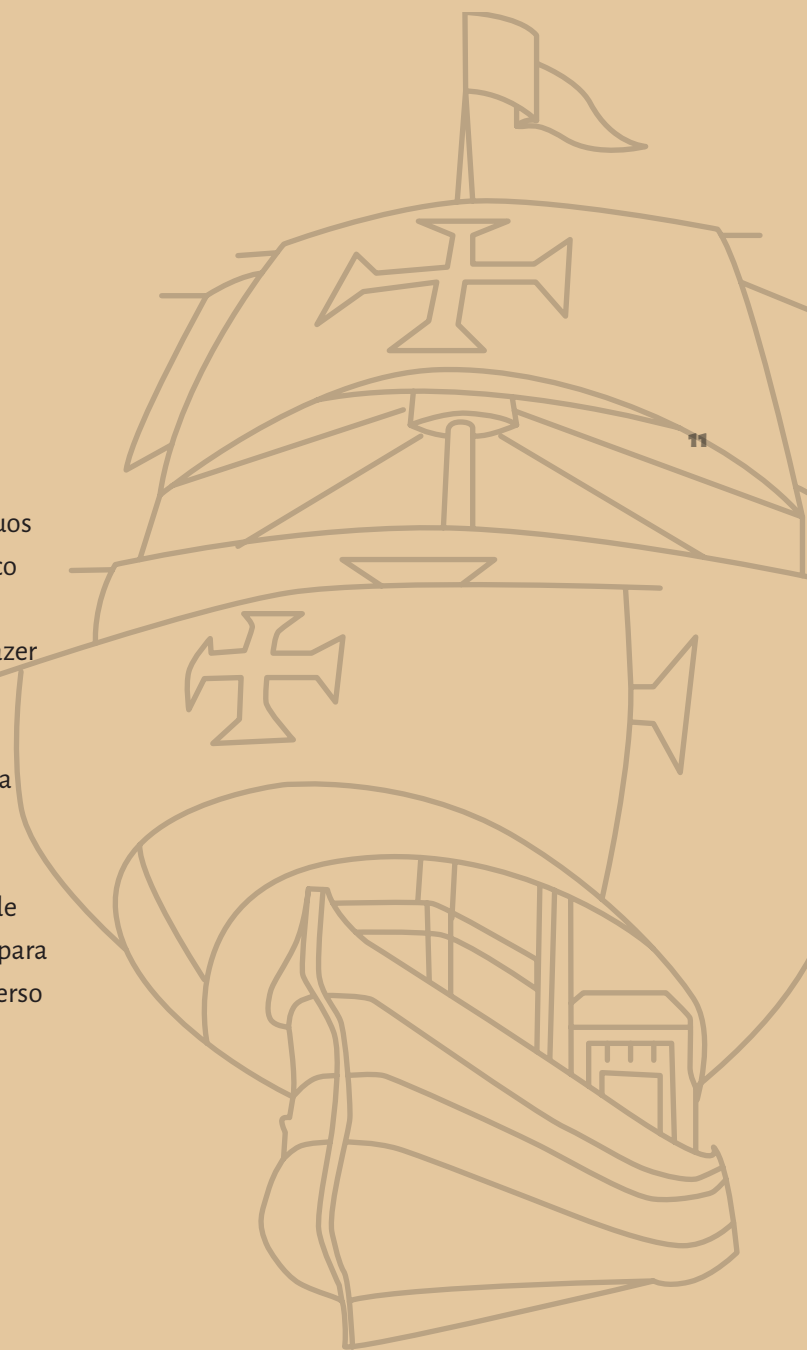
permitem verificar patologias nos ossos, e dão indicações de doenças que atingiam uma população. A análise de indivíduos encontrados em um cemitério pode proporcionar dados demográficos de antigos grupos, como idade e sexo dos falecidos.

O material histórico contribui para a produção de conhecimento de uma maneira diferente, uma vez que a documentação histórica ajuda a contextualizar essas peças. As louças históricas (faianças e faianças finas), comumente encontradas em contextos de recintos domésticos, são ótimas ferramentas de datação para sítios, uma vez que há registro das datas de fabricação de diversos modelos. Também podem indicar o status econômico de um grupo doméstico, tendo em vista que os custos de compra de diversos tipos de louça são conhecidos.

Materiais como cachimbos revelam o hábito do fumo em diversos segmentos sociais. As decorações presentes nesses objetos podem gerar interpretações quanto ao universo simbólico e de herança cultural de alguns grupos. As cerâmicas utilitárias são muito utilizadas no dia a dia, para serviços domésticos em geral, como armazenagem de água e alimentos, sendo potenciais evidências de hábitos alimentares. As garrafas em gres são comumente associadas ao armazenamento de bebidas alcoólicas, todavia a reutilização destas peças para armazenagem de líquido era um procedimento comum.

Essas peças, utensílios e objetos produzidos e/ou utilizados por um grupo têm tanta importância que são considerados como a parte tangível da cultura, como cultura material. A cultura material dá

a oportunidade de atingir muito mais “democraticamente” os diversos grupos humanos, uma vez que todos os indivíduos produzem materialidade. Destarte, o foco no estudo dessa dimensão material da cultura permite, dentre outras coisas, trazer informações sobre segmentos sociais marginalizados na historiografia, seja por falta de documentação primária para trabalhar tais grupos ou mesmo outras razões históricas. Como disciplina que tem por objeto de estudo a materialidade humana, a arqueologia pode contribuir para um conhecimento bastante amplo e diverso da humanidade.





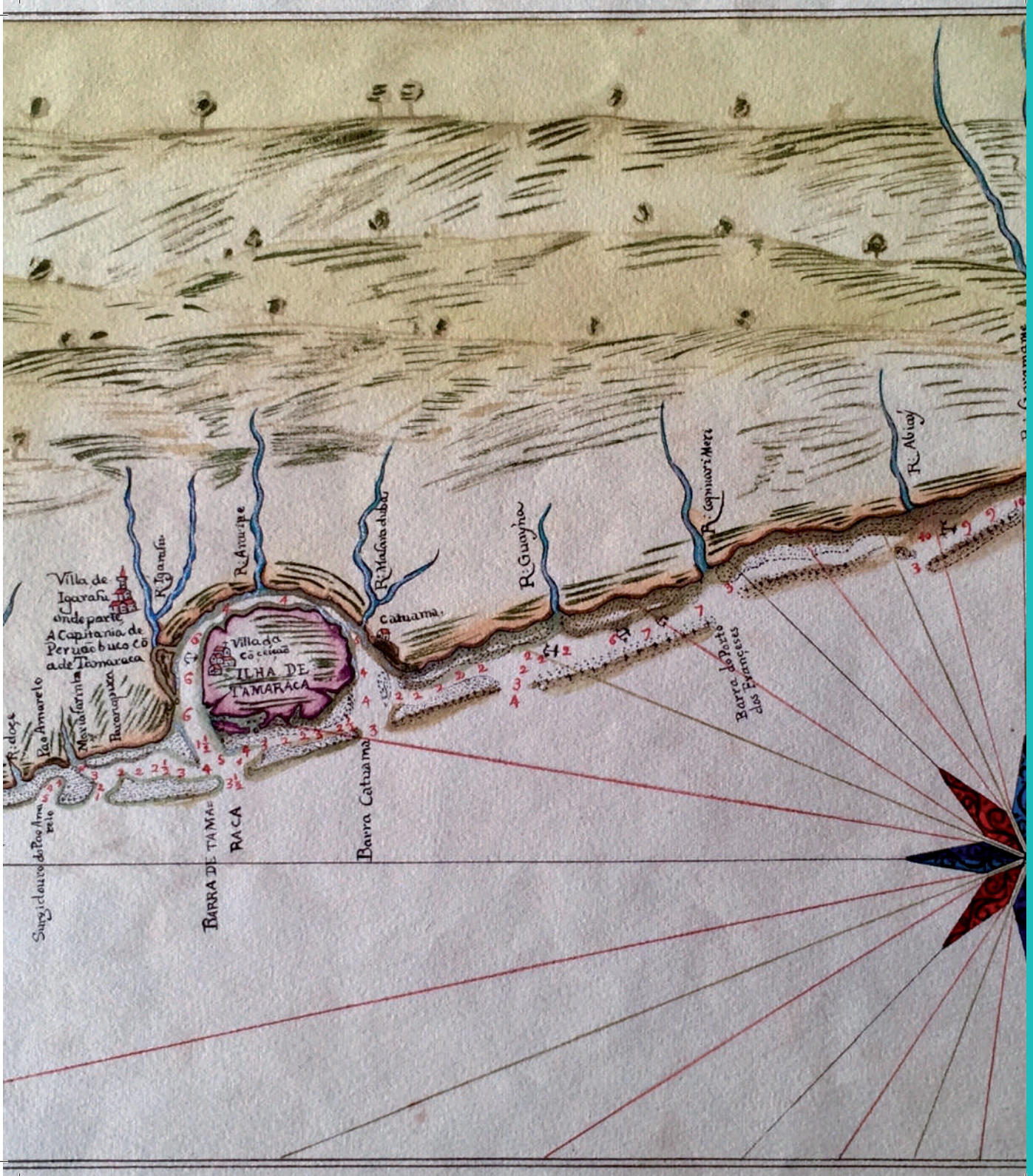
# O Departamento de Pesquisa Histórica do Museu Histórico de Igarassu

12

## **DEPARTAMENTO DE PESQUISA HISTÓRICA (DPH)**

O Departamento de Pesquisa Histórica (DPH) do Museu Histórico de Igarassu (MHI) é a instituição responsável por acolher, conservar e disponibilizar ao público todo o material avaliado como histórico produzido pelo poder executivo do município. Possui, além disso, documentos importantes do tempo de colônia, império e república, que contribuem para o entendimento da história do país e de Pernambuco. Inventários, testamentos, prestações de contas de irmandades, processos crimes encontram-se preservados nesta sala. Boa parte dessa documentação (18,5 metros lineares) é proveniente do Cartório do Ofício Único, e passou à guarda do MHI em 1983. Um documento importantíssimo para o conhecimento da evolução urbana de Igarassu de posse do MHI é, por exemplo,

o II Livro do Tombo da vila, mandado fazer pelo Juiz Corregedor Dr. Antonio José Pereira Barroso de Miranda Leite em 1782. Sua leitura revela como se deu a ocupação das áreas citadinas, das terras comunais e privadas da então vila. Nele aparecem citados nomes de ruas, casas e terrenos com seus limites, a quem pertenciam, quanto pagavam de foro, se eram de propriedade da edilidade e bens de propriedade da igreja. Esse Livro do Tombo é muito importante porque faz um levantamento minucioso de tudo que estava desencaminhado ou em mãos de particulares, sem que estes nada pagassem por sua posse e uso.



# A conquista

## CANOA GRANDE!

15

Igarassu é uma palavra oriunda do tupi: *igara* significa "canoa"; e *assu* significa "grande". Pode ter sido a exclamação de surpresa dos índios diante das grandes caravelas portuguesas: "canoa grande!", expressão de duas visões de mundo opostas que entravam em conflito, de um mundo ameríndio que começava a entrar em colapso. O nome Igarassu poderia derivar ainda de três palavras, significando "rio dos grandes pássaros", em alusão às embarcações que entravam no porto do Sítio dos Marcos:

*Hi ou Ig, água ou rio  
guara, ave aquática  
açú, grande*

*Mapa da costa norte de Pernambuco  
até a Paraíba, 1642 (detalhe)*

João Teixeira

REPRODUÇÃO FACSIMILAR DO ORIGINAL  
DA BIBLIOTECA DA AJUDA, LISBOA, PERTENCENTE  
AO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFPE





**Mapa etno-histórico do Brasil  
e regiões adjacentes, 1944**  
Curt Nimuendajú  
IPHAN

O mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú, alemão que tornou-se etnólogo a partir do contato com povos indígenas no Brasil, é uma das obras cartográficas mais importantes produzidas no Brasil. Ela foi considerada um marco no estudos sobre as línguas e culturas indígenas, com mais de 900 referências. O mapa é a síntese de um conhecimento antes fragmentário, que classifica 40 famílias linguísticas identificando-as com cores específicas.

Apesar da diversidade de suas culturas e autodenominações, os índios que habitavam a costa do estado eram amplamente designados nas crônicas coloniais de Pernambuco como caeté. Descrevê-los como

temíveis, canibais e desprovidos de alma justificava seu extermínio e escravização. Itapissuma, distrito de Igarassu até fins do século XIX, é um dos locais que marcam a tragédia indígena. Lá havia um aldeamento, núcleo de cristianização que, embora oferecesse certa proteção, era, sobretudo, um armazém de gente: um sistema para deslocar indígenas de diferentes etnias a um só ponto, onde posteriormente eram destinados ao trabalho forçado na cana.

**PERNAMBUCO É O QUARTO  
ESTADO BRASILEIRO EM  
PRESENÇA INDÍGENA**

**FULNI-Ô**, em Água Belas

**PANKARÁ**, em Carnaubeira da Penha

**PIPIPAN**, em Floresta

**PANKARARU**, em Petrolândia e Tacaratu

**XUCURU**, em Pesqueira

**KAMBIWÁ**, em Ibimirim, Inajá e Floresta

**KAPINAWÁ**, em Buíque

**ATIKUM**, em Carnaubeira da Penha

**TRUKÁ**, em Cabrobó

**TRUXÁ**, em Inajá

*Quando o português chegou  
Debaixo duma bruta chuva  
Vestiu o índio  
Que pena!  
Fosse uma manhã de sol  
O índio tinha despido  
o português.*

OSWALD DE ANDRADE

O desconhecimento da floresta tornou os portugueses dependentes dos indígenas. Os índios também os ensinaram a se alimentar na nova terra, onde o trigo fartamente consumido na Europa não estava disponível. O português aprendeu com o índio a utilizar, entre outros alimentos, a mandioca, o milho, a batata-doce, o amendoim, o jerimum, o abacaxi, o caju, a pimenta e o mamão.

# INSVLA TAMARACA



PPIDUM  
CHOPPI

Mont

- A. Templum Circumvallati
- B. Sacellum
- C. Nofodochia
- D. Vetus circumvallatio
- E. Turris caltrensis
- F. Fons
- G. Mercium conditoria
- H. Curia
- I. Magna Profunditas

Pars Rheno-landica

CASTRUM  
AURIACUM

Ostium Australe

arida

MARE

# A evolução urbana de Igarassu

21

A ocupação inicial do território de Pernambuco ocorreu no Sítio dos Marcos, próximo ao litoral. Desde 1516, havia no local a Feitoria de Pernambuco ou de Cristóvão Jacques. Foi lá que, em 9 de março de 1535, o donatário Duarte Coelho desembarcou em Pernambuco com toda sua gente, dando início ao processo de colonização da talvez mais próspera das capitanias. A ideia inicial de estabelecer ali na costa a povoação de Santa Cruz não deu certo: a proximidade da Capitania de Itamaracá, a pobreza do solo, a água salobra e a localização de difícil defesa (raso e no meio de duas barras) levaram o donatário a ocupar o interior.

A nova povoação foi localizada próxima ao rio São Domingos, chamado de Jussara pelos índios, o que garantia o abastecimento de água. Tinha a distância



necessária em relação à Capitania de Itamaracá e várzeas férteis para o plantio da cana-de-açúcar. Nos dois primeiros quartéis do século XVI, os portugueses continuavam a arrancar a costa. A povoação não conseguia se expandir para o outro lado do rio São Domingos, o que efetivamente só aconteceu no fim do século.

**Cerco a Igarassu, 1557**  
Gravura do livro *Duas viagens ao Brasil*  
Theodor de Bry | Hans Staden

A imagem mais antiga que se conhece de Igarassu é esta gravura (*à direita*), que se encontra no livro *Duas viagens ao Brasil*, escrito pelo alemão Hans Staden e ilustrado por Theodor de Bry. Nela já se pode observar o padrão de construção do velho continente nas terras americanas: para facilitar a defesa de possíveis ataques, a cidade deveria ser construída sobre um outeiro. Sobre o dorso da colina, no sentido norte/sul, construíram-se as primeiras edificações que delimitariam a vila, e que correspondem às ruas de São Francisco e Direita da Misericórdia. Elas eram o eixo de onde partiriam todas as outras, inclusive a da Ladeira do Livramento, que levava para o armazém nas margens do rio São Domingos. Além delas, havia também nesse momento o caminho que levava para o engenho Velho na foz do riacho dos Arrombados. A povoação foi elevada



à categoria de vila em 1564, o que cria os poderes executivo, legislativo e judiciário e dota a localidade de autonomia política, administrativa e econômica.



**Igarassu, 1647**

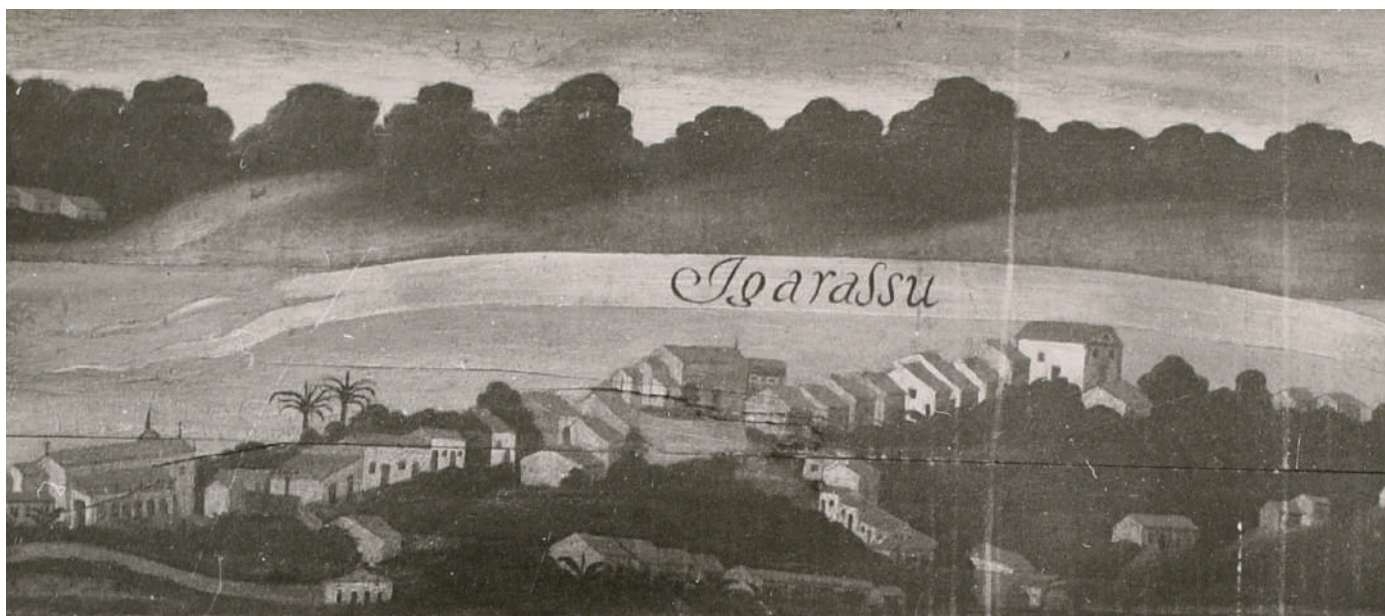
Gravura do livro *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*  
Frans Post | Gaspar Barléus

ACERVO INSTITUTO RICARDO BRENNAND, RECIFE,  
PERNAMBUCO, BRASIL

Embora Igarassu fosse a segunda vila em importância na capitania, parece não ter havido grandes transformações em sua estrutura urbana até a saída dos holandeses de Pernambuco. Como se pode ver nos desenhos de Frans Post, aparecem nitidamente as ruas de São Francisco, Direita da Misericórdia, dos Ferreiros, a Ladeira do Livramento, a da Figueira com uma ligação que passava do lado sul do atual sobrado do Imperador, até a rua Direita. Uma das mais importantes obras do período, feitas a partir de 1660, parece ter sido o início da ampliação do Convento Franciscano.

A criação do “subsídio da carne” em 1685 dotou o município com recursos suficientes para uma série de obras. Construiu-se uma nova Casa de Câmara e Cadeia, substituindo a primitiva que havia sido destruída durante a ocupação holandesa. Também se edificou uma Casa de Aposentadoria e Correição, que é o atual Sobrado do Imperador. Ao conjunto de obras se juntam uma nova ponte sobre o rio São Domingos, calçadas de algumas ruas, a Igreja de São Sebastião e o aterro de seu lago.

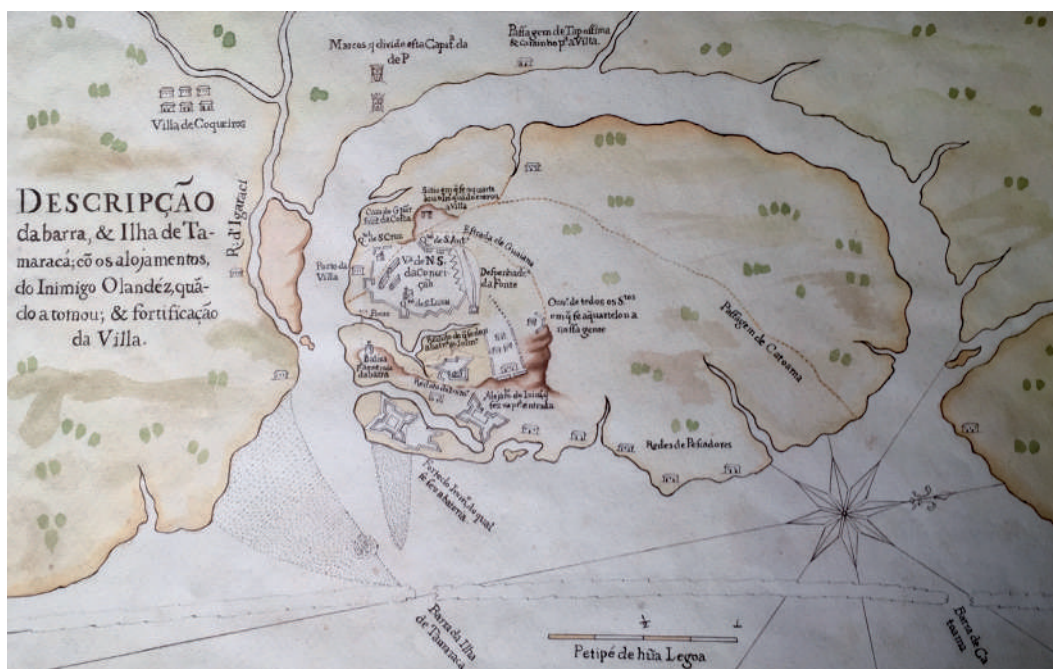




Embora a feitoria do Sítio dos Marcos tenha sido fundada já em 1516, considera-se a data de fundação de Igarassu 27 de setembro de 1535. A cidade é fundada a partir da vitória dos portugueses sobre os índios Caetés e por ordem do Capitão Afonso Gonçalves – que mandou erigir no local da vitória uma capela votiva consagrada a Cosme e Damião – hoje considerada a mais antiga do Brasil. A derrota dos indígenas foi tida como uma graça atribuída aos santos e é tema de um dos quatro painéis votivos que pertencem à Igreja Matriz.

Este ex-voto, pertencente à igreja dos Santos Cosme e Damião e pintado para agradecê-los pela proteção da vila de Igarassu contra a peste em 1685, é importante para se compreender sua evolução urbana. Nele, a configuração urbana do sítio histórico de Igarassu já se apresenta muito próxima da realidade atual.

***A Epidemia de febre Amarela***, 1729  
Autoria anônima  
Detalhe do óleo sobre madeira, 1729  
ACERVO DA PINACOTECA DO CONVENTO  
FRANCISCANO DE IGARASSU

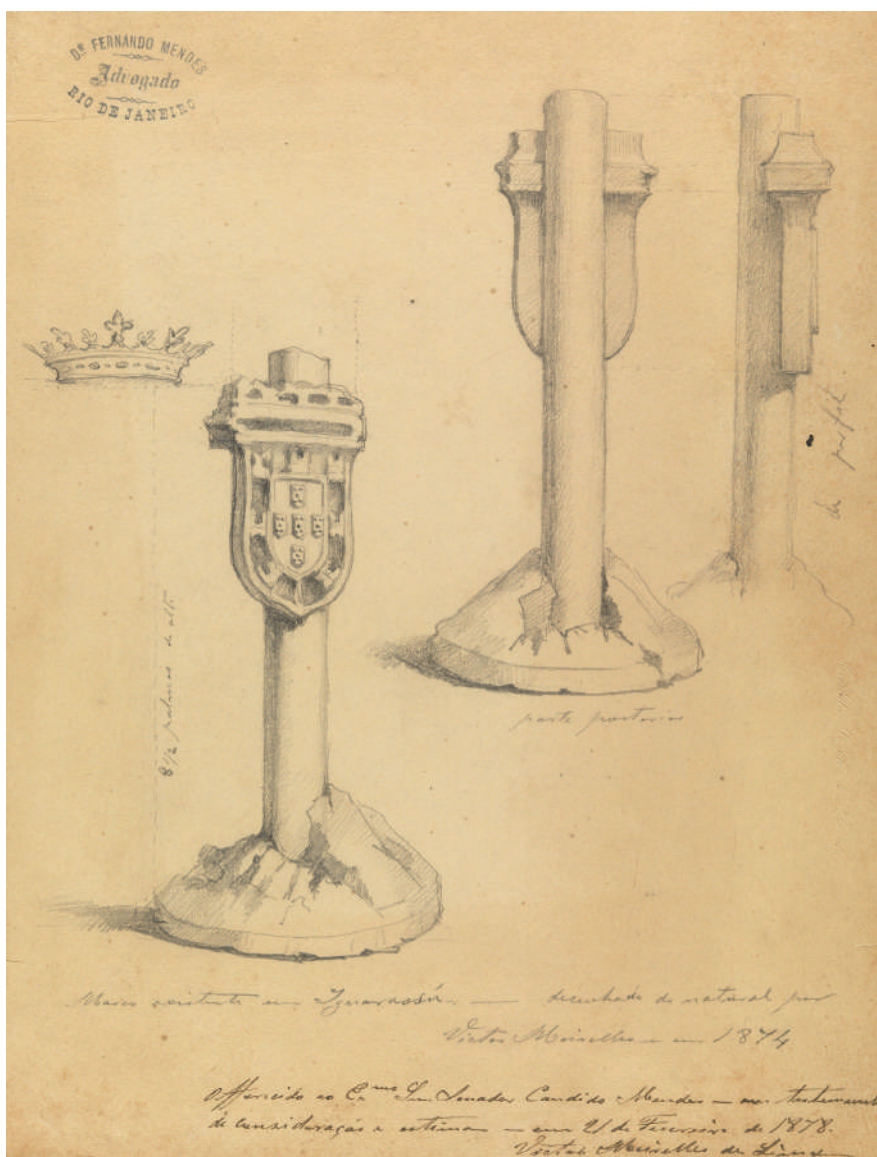


**Descrição da barra e ilha de Tamaracá com os alojamentos do inimigo holandês, quando a tomou e fortificação da vila, 1642**

João Teixeira

REPRODUÇÃO FACSIMILAR DO ORIGINAL  
DA BIBLIOTECA DA AJUDA, LISBOA, PERTENCENTE  
AO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFPE

Neste mapa é possível observar a localidade dos Marcos e a representação de dois escudos de pedra servindo de limite para as capitanias de Pernambuco e Itamaracá. Um dos mais importantes pontos de contato entre portugueses e ameríndios, o Sítio dos Marcos, localizado na chamada barra sul do canal de Santa Cruz, é o local onde o português iniciou um longo processo de adaptação à nova terra. Os holandeses saquearam a vila, a segunda mais importante da capitania de Itamaracá, em 1º de maio de 1632.

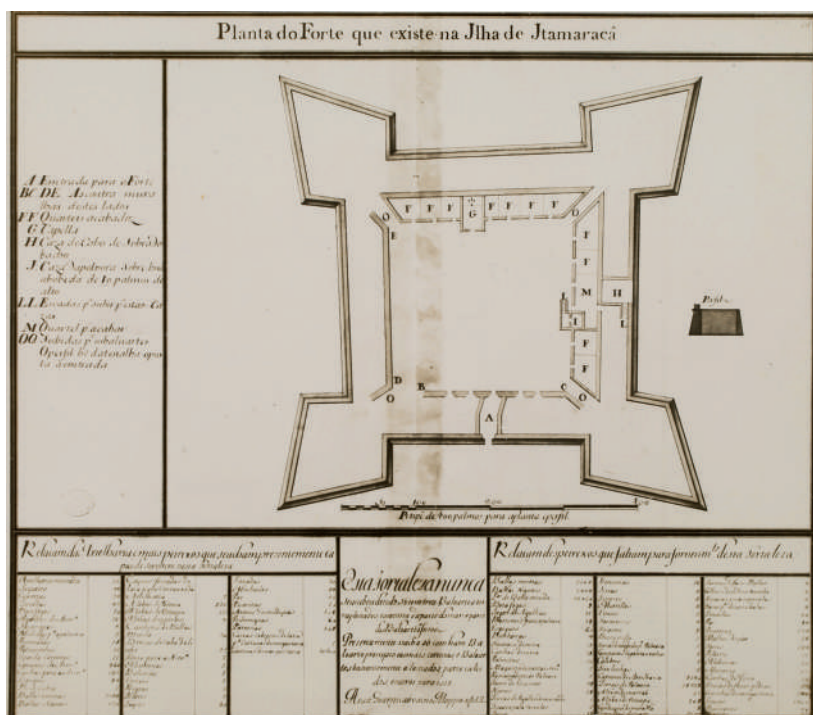


**Marco existente em Igarassu**, século XIX  
Vitor Meireles  
Desenho a grafite  
ACERVO FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

**Desembarque dos Holandeses em Recife  
e Olinda em 1630**

ACERVO FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL





Planta do forte que existe na Ilha de Itamaracá

IPHAN

## FORTE ORANGE OU FORTALEZA DE SANTA CRUZ

O Forte Orange, na Ilha de Itamaracá, pertenceu à Companhia das Índias Ocidentais entre 1631 e 1654. Quando passou a fazer parte do sistema de defesa elaborado pelos luso-brasileiros após a saída dos holandeses, trocou seu nome para Fortaleza de Santa Cruz. A primitiva construção com as muralhas em terra foi mantida durante cerca de 65 anos e foi utilizada pelos luso-brasileiros, sendo reformada ao longo deste tempo. Os relatos

falam em reconstrução, mas a partir de 1696, as estruturas do antigo forte holandês foram demolidas, as muralhas em terra substituídas por muralhas em pedra e cal e a Praça de Armas aterrada e alargada. O arqueólogo Marcos Albuquerque considera, portanto, que o que houve foi uma nova construção, ficando o forte holandês sob a atual fortaleza.

***Vista parcial da cidade de Igarassu, 1858***  
Gilberto Ferrez | Augusto Stahl  
ACERVO DO INSTITUTO MOREIRA SALLES

30



## A IGARASSU DO SÉCULO XIX

*“... situada sobre um outeiro e parte na planície, irrigada por um riacho, atravessado por uma ponte de pedra, pois as marés chegam até esse ponto, tornando precária as comunicações. O lugar demonstra claramente ter usufruído maior prosperidade que a presentemente possuída. Muitas casas têm dois pavimentos, mas estão deterioradas e algumas com aspecto de decadência e ruína. As ruas são calçadas, mas carecem de reparos e a erva cobre vários lugares. Conta muitas igrejas, um convento, o Recolhimento ou Retiro para mulheres, a Casa de Câmara e prisão. Sua prosperidade era devida*

*antigamente à semanal feira de gado, que se reunia num plano vizinho, mas, há poucos anos, mudaram-na para os arredores de Goiana. Igarassu tem muitos moradores brancos, várias lojas, um bom cirurgião, educado em Lisboa. É o local da reunião dos agricultores, na distância de muitas léguas, seja para embarcar suas safras de açúcar, seja para adquirir objetos de necessidade. Esta vila contará cerca de oitocentos habitantes, computando as choupanas esparsas pelas imediações. Dizem que a paisagem, vista da torre da igreja matriz, é grande e bela”.*

HENRY KOSTER, 1810

## IGREJA DOS SANTOS COSME E DAMIÃO

32

A história de Igarassu começa, de certa forma, com a história da construção da Igreja dos Santos Cosme e Damião, que teria sido fundada em 1535 e é considerada a mais antiga do Brasil. A capela primitiva, provavelmente em taipa, já não existia em janeiro de 1594. Reza a tradição que os portugueses, após derrotarem os Caetés em 27 de setembro de 1535, fato que foi atribuído à intercessão dos santos, começaram a erguer um templo votivo consagrado aos irmãos gêmeos. As despesas para sua edificação inicial ocorreram por conta do Capitão Afonso Gonçalves, o mesmo que derrotou os índios e fundou o primeiro engenho de Igarassu, o Engenho Capitão.

Em 1729 a igreja recebeu, em forma de ex-votos, quatro grandes painéis de pintura em madeira que relatam os milagres dos Santos Cosme e Damião na vila. O primeiro trata da chegada e desembarque dos portugueses;

o segundo relata a construção da igreja; o terceiro trata de um saque holandês à vila; e o quarto trata de uma epidemia de febre amarela que assolou Pernambuco no ano de 1685 em diante. Atualmente, os painéis fazem parte do acervo do Museu Pinacoteca, instalado no antigo dormitório dos noviços, no Convento Franciscano de Igarassu.

Além da Igreja Matriz, Igarassu possui outros edifícios católicos que mostram a importância da religião e das ordens religiosas no ordenamento da vida social, entre eles a Capela de São Sebastião (1722–1735), a Igreja de Nossa Senhora da Conceição (1749), a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (já existente em 1701) e a Capela de Nossa Senhora do Livramento (século XVIII). Destacam-se ainda as ruínas da Igreja da Misericórdia (já existente em 1594) e da Igreja da Santa Cruz (já existente em 1594).



*Igreja de São Cosme e Damião*

FOTO: AURÉLIO VELHO





LINHA EQUINOCIAL



TROPICO



# O engenho e a senzala

## ENGENHO

35

No território de Igarassu foram instalados cerca de 64 engenhos de cana-de-açúcar no decorrer dos três séculos e meio da história da escravidão brasileira. De natureza rural e fortemente patriarcal, eles tinham uma função tanto econômica quanto militar. Na época das capitanias hereditárias, não havia uma noção clara de governo no que hoje é o Brasil: ele era composto das diversas casas-grandes e suas senzalas, que faziam a economia açucareira funcionar, como uma grande fazenda dividida em lotes subordinados à Coroa portuguesa. Um engenho era, assim, um organismo completo que não deveria depender de provisões externas: possuía capelas para missas, plantações e criações de animais para a subsistência, serrarias para móveis e até mesmo escolas em que os padres alfabetizavam as crianças. Tudo era disposto muito próximo, facilitando a defesa contra invasores.

O primeiro engenho de que se tem notícia em Igarassu é o Engenho Capitão – fundado pelo Capitão Afonso Gonçalves. Ele teve existência breve, pois teria sido destruído pelos caetés ainda no século XVI. Nomes de engenhos tupis não são incomuns na região. O Engenho Gongaçary (que significa "sabiá-golada", ave comum na região) é mistura da língua africana quimbundo ("gongá" ou sabiá) com tupi ("çary" ou golada). Um dos engenhos mais antigos, Araripe (1584), depois dividido em Araripe de Cima e Araripe de Baixo, significaria "no rio dos papagaios". Também o Inhamã ("água em torno, círculo de água") foi batizado em língua indígena. O Engenho Inhamã ainda foi citado como "Aiama de Riba" e "Aiama de Baixo" e, em 1600, porções de suas terras foram desmembradas e doadas aos jesuítas do colégio de Olinda, que nela construíram o Engenho Monjope. No fim do século XVII,

**Casa-grande do Engenho Monjope, s.d.**

Mendel

Fotografia

MUSEU DA CIDADE DO RECIFE

este possuía numerosos trabalhadores escravizados e era o engenho mais famoso de posse dos jesuítas em Pernambuco.



As casas-grandes possuíam muitos alpendres e varandas, sendo adequadas ao clima quente e úmido do Nordeste. Eram grandes, mas não suntuosas: seu piso poderia ser até de terra batida – quando não de madeira – e elas eram construídas com parede de taipa, além de pedra, cal, teto de palha, sapé ou telhas. Tristemente, luxo mesmo era ter senzala cheia: quanto mais cativos, mais ostentava-se riqueza e poder.

**Tronco aberto** [vindo da Ponte Grande para o Engenho de Itamaracá em 1861], século XIX  
Autoria desconhecida  
Fotografia

ACERVO FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL



## SENZALA

"Existe um povo que a bandeira empresta para cobrir tanta infâmia e covardia", escreveu Castro Alves em *O Navio Negreiro*. O jovem poeta abolicionista referia-se aos brasileiros que permitiam que a escravidão, que começou já com o primeiro donatário, Duarte Coelho, ainda acontecesse em seu país. A determinação de plantar cana em Pernambuco vem atrelada ao trabalho humano forçado imposto, sobretudo, aos negros trazidos da costa ocidental africana.

Na segunda década do século XVI, cada senhor de engenho estava autorizado a ter até 120 "escravos do Congo". Assim a cana se firmou neste solo, levando o Padre

Vieira a afirmar que "sem negros, não há Pernambuco". Num discurso objetificador, os cativos eram chamados de "fôlego vivo", "peças da Guiné", "peças da África" ou "ébanos vivos". Embora o racismo não reconheça os negros como pessoas com capacidades cognitivas, eles não estavam isolados e tinham uma interpretação própria do sistema em que estavam inseridos. Fugiam e organizavam-se em quilombos, sendo o mais famoso deles o Quilombo de Catucá.

## ATLÂNTICO NEGRO

38

Atravessar o Atlântico juntos, rompendo suas relações de parentesco originais, tornava os africanos malungos, ou companheiros de viagem.

A perda de territórios na primeira diáspora negra permite o reconhecimento de uma cultura comum, fundada num sentimento amplo de solidariedade, em que o negro repensa sua identidade não mais reduzida a fronteiras étnicas ou nacionais, mas por meio do *Atlântico Negro*, termo criado por Paul Gilroy. A tragédia do tráfico transatlântico une homens e mulheres negras de diferentes nações e culturas.

A sala hoje ocupada pela direção do Museu Histórico de Igarassu funcionou como senzala com teto rebaixado, onde negros escravizados permaneciam nos curtos momentos em que se recuperavam para uma nova jornada de trabalho forçado,

sem poder estar completamente de pé. Ela é um espaço de memória para a cidade de Igarassu e, sobretudo, de reflexão sobre a desigualdade racial do presente.



**Atlas Universal**  
João Teixeira, 1643  
TORRE DO TOMBO, LISBOA, PORTUGAL



## ENGLISH VERSION

### IGARASSU HISTORICAL MUSEUM

#### PRESENTATION

The Museu Histórico de Igarassu (MHI) began to take shape in 1954, the year of commemorations for the three hundredth anniversary of the Restoration against Dutch rule, with the opening of the Restoration Gallery on the ground floor of the Emperor's House by the Instituto Histórico de Igarassu.

The museum's archive grew through donations by private individuals, and in 1955 more objects were donated upon the creation of the Nazaré Gallery and the Sacred Father Machado Gallery. In 1956, because of the state of disrepair that the Emperor's House found itself in, both the Instituto Histórico and the museum relocated, temporarily, to the building of the City Chambers and Jail. In 1958, the Instituto Histórico acquired the building located on 18 Barbosa Lima Road, and ordered its immediate restoration and adaptation, thus making it the headquarters of the institution and its museum in the same year.

In 1972, the municipality of Igarassu assumed responsibility for the conservation and maintenance of MHI, which was expanded, installing a meeting room and the library of the Instituto Histórico in the neighbouring building. In 1983, the MHI began housing a series of documents belonging to the Registry Office that are important to the history of Igarassu, and, a few years later, in 1985, aiming to preserve and catalogue them, the Department of Historical Research was created—the DPH (Departamento de Pesquisa Histórica), which today houses documents from the registry office that stretch over an 18.5 metre linear area.

Currently, the Museu Histórico de Igarassu occupies three rammed earth houses from the 18th century, uniting a valuable collection of more than 500 items both in its technical reserve and on show, with an emphasis on sacred, numismatic, furniture and weaponry pieces. In 2018, the project to regenerate the space was completed, aiming to attend to both tourists and local visitors, with support from the Tourism Development Programme (Prodetur) and funding from the Inter-American Development Bank (IDB).

### THE ARCHAEOLOGICAL ARCHIVE OF THE MUSEU HISTÓRICO DE IGARASSU

The Museu Histórico de Igarassu possesses an archaeological collection that is formed by donations made to the institution. The materials were not obtained through systematic archaeological research and, therefore, have lost the contextual relationship that they had amongst each other and the environment they were found in. However, they continue to be an excellent example of the variety of materials that can be found in archaeological contexts in the municipality.

The collection's prehistoric material comprises lithic tools and a funerary urn that still contains human remains. These traces give a series of information about the groups that produced them. The lithic materials allow access to the technological knowledge of a group and the choices they made for the raw material of the tools. Bodies allow us to be able to check for pathologies in the bones, and give indications of diseases affecting a population. Analysis of individuals found in a cemetery can provide demographic data



about past groups, such as the age and sex of the deceased.

Historical material contributes to the production of knowledge in a different way, since historical documentation helps to contextualise the pieces. The historical crockery (faience and fine faience), commonly found in the context of domestic enclosures, are excellent dating tools for sites, as there are records of the manufacture dates for many models. They can also indicate the economic status of a domestic group, since the cost of buying different types of dishes is also known.

Materials such as pipes reveal smoking habits in various sections of society. The decorations present on these objects can generate interpretations regarding the symbolic universe and cultural heritage of some groups. Utilitarian ceramics are widely used every day for general domestic services, such as the storage of water and food, and are potential evidence of eating habits. Stoneware bottles are commonly associated with the storage of alcoholic beverages, however the reusing of these for liquid storage was a common occurrence.

These pieces, utensils and objects produced and/or used by a group are of such importance that they are regarded as tangible parts of culture, as material culture. Material culture allows us to achieve a much more "democratic" attainment of the various human groups, because all individuals produce materiality. Therefore, the focus on the study of this material dimension of culture allows us, among other things, to discover information about marginalized social segments in historiography, either because of a lack of primary documentation to work on these groups or for other historical reasons. As a discipline whose object of study is human materiality, archaeology can contribute to a very broad and diverse knowledge of humanity.

### **THE DEPARTMENT OF HISTORICAL RESEARCH**

The Department of Historical Research (DPH) at the Museu Histórico de Igarassu (MHI) is the institution responsible for collecting, conserving and making available to the public all material evaluated as historical that is produced by the executive power of the municipality.

It also contains important documents from colonial, imperial and republic times, which contribute to the understanding of the history of the country and Pernambuco. Inventories, wills, and renditions of fraternity accounts and criminal proceedings are preserved in this room. A good part of this documentation (stretching 18.5 linear metres) originated at the registry office, and came into the custody of the MHI in 1983. An example of the extremely important documentation the MHI houses, and that provides knowledge about the urban evolution of Igarassu, is the 2nd Parish Register of the village, ordered by Judge Corregidor Dr. Antonio José Pereira Barroso de Miranda Leite in 1782. It reveals how the occupation of the city areas occurred, and of the communal and private lands of the then village. In it appear cited names of streets, houses and lands with their limitations, who they belonged to, how much they paid to the courthouse, and whether they were property of the city council or property owned by the church. This Parish Register is extremely important because it is a detailed survey of everything that

was misappropriated or in the hands of private individuals, without them paying anything for their possession and use.

## THE CONQUEST

### BIG CANOE!

Igarassu is a word originating from the native Tupi language: *igara* means canoe; and *assu* means big. It may have been an exclamation of surprise from indians when faced with the huge Portuguese galleons: "big canoe!", the expression of two opposite visions of the world that entered conflict, from a native indian world that was starting to fall into collapse. The name Igarassu may even be derived from three words, meaning "river of large birds", in allusion to the ships that would enter the port of Sítio dos Marcos:

*Hi* or *Ig*, water or river  
*guara*, aquatic bird  
*açu*, large

This ethno-historical map by Curt Nimuendajú, a German who became an ethnologist following contact with indigenous peoples in Brazil, is one of the most important cartographic

works produced in the country. They were considered a landmark in studies on indigenous languages and cultures, with more than 900 references. The map is the synthesis of a previously fragmentary knowledge, which classifies 40 language families by identifying them with specific colours.

Despite the diversity of their cultures and self-denomination, the native people who inhabited the coast were all widely labelled in the colonial chronicles of Pernambuco as *Caeté*. Describing them as fearsome cannibals devoid of soul justified their extermination and enslavement. Itapissuma, an Igarassu district until the end of the 19th century, is one of the places that marks the indigenous tragedy. There was a settlement there, a nucleus of Christianization that, while offering some protection, was above all a warehouse for devouring people: a system for displacing Indians of different ethnicities to one point, where they were later destined for forced labour in the sugarcane fields.

## PERNAMBUCO IS THE FOURTH LARGEST BRAZILIAN STATE IN TERMS

## OF INDIAN PRESENCE

**Fulni-ô**, in Água Belas  
**Pankará**, in Carnaubeira da  
Penha  
**Pipipan**, in Floresta  
**Pankararu**, in Petrolândia and  
Tacaratu  
**Xucuru**, in Pesqueira  
**Kambiwá**, in Ibimirim, Inajá  
and Floresta  
**Kapinawá**, in Buíque  
**Atikum**, in Carnaubeira  
da Penha  
**Truká**, in Cabrobó  
**Truxá**, in Inajá

•

*When the Portuguese arrived  
Under a brutal rain  
They clothed the indian  
What a shame!  
It was a sunny morning  
The indian had undressed  
the Portuguese*

OSWALD DE ANDRADE

A lack of understanding of the forest made the Portuguese dependent on the indigenous people. The indians also taught them to feed themselves in the new land, where the wheat so commonly consumed in Europe was not available. Together with the indians the Portuguese

learned to use, among other food, manioc, corn, sweet potato, peanuts, pumpkin, pineapple, cashews, chilli and papaya.

### THE URBAN EVOLUTION OF IGARASSU

The initial occupation of the territory of Pernambuco occurred at the Sítio dos Marcos, near the coast. Since 1516, the Pernambuco or Cristovão Jacques trading posts stood on the site. It was there that, on the 9th of March 1535, the donatory Duarte Coelho disembarked in Pernambuco with all his people, thus starting the process of colonialising perhaps the most prosperous of all the captaincies. The initial idea of establishing the Santa Cruz settlement there on the coast did not work out; the proximity to the Captaincy of Itamaracá, the poor soil quality, the brackish water and its difficulty to defend (shallow water and in the middle of two sand bars) led the donatory to occupy the interior instead.

The new settlement was located near the São Domingos river, known as Jussara by the indians, which guaranteed a water supply. It had the necessary distance in relation to the

Captaincy of Itamaracá and fertile floodplains for the planting of sugarcane. In the first two quarters of the 16th century, the Portuguese continued to scratch the coastline. The settlement didn't manage to expand to the other side of the São Domingos river, only effectively doing so at the end of the century.



This engraving is the oldest known image of Igarassu, which can be found in the book *Two trips to Brazil*, by the German Hans Staden, with illustrations by Theodor de Bry. In it the constructive style of the old continent can already be seen on South American lands: to facilitate defence from possible attacks, the city should be built on a hill. On the back of the hill, in a north/south sense, the first buildings that mark the city limits are built, and which correspond to São Francisco and Direita da Misericórdia roads. They were the axis from which all others began, including the Livramento Hill, which led to the warehouse on the banks of the São Domingos River. Beside them at this point is the road that led to the Engenho Velho sugar mill by the falls of

the Arrombados Stream. The settlement was elevated to the category of village in 1564, which created executive, legislative and judicial powers and endowed the locality with political, administrative and economic autonomy.

Although the site of Sítio dos Marcos was founded in 1516, the 27th of September 1535 is considered to be the founding date of Igarassu. The city was founded after the victory of the Portuguese over the Caeté indians and by order of Captain Afonso Gonçalves – who ordered the building of a chapel on the place of victory, consecrated to Cosmas and Damian – today considered the oldest in Brazil. The defeat of the indigenous people was considered a blessing attributed the two saints and is the theme of one of the four votive panels belonging to the Matriz Church.

Although Igarassu was the second-most important village in the captaincy, it appears that there were no large transformations in its urban structure until the Dutch left Pernambuco. As can be seen in Frans Post's drawings, the roads of São Francisco, Direita da Misericórdia, Ferreiros, Ladeira do Livramento and Figueira appear

clearly with a connection that ran from the south side of what is now known as the Emperor's House up to Direita road. One of the most important works of the time, built from 1660 onwards, it seems to have been the beginning of the expansion of the Franciscan Convent.

The creation of the "meat subsidy" in 1685 provided the municipality with sufficient resources for a series of construction works. A new City of Chambers and Jail was built, replacing the primitive one that was destroyed during the Dutch occupation. A Retirement and Correction House was also built, which nowadays is known as the Emperor's House. This set of constructions works was joined a new bridge over the São Domingos river, sidewalks for some streets, the São Sebastião Church and the filling in of its lake.

This former vote, belonging to the church of saints Cosmas and Damian and painted to thank them for the protection of the village of Igarassu against the plague in 1685, is important for understanding its urban evolution. In it, the urban

configuration of the historic site of Igarassu is already shown very close to its current reality.

On this map, you can see the locations of the landmarks and the representation of two stone shields marking the limit of the Captaincies of Pernambuco and Itamaracá. One of the most important points of contact between the Portuguese and the natives, the Sítio dos Marcos, located in the so-called southern bar of the Santa Cruz channel, is where the Portuguese began their long process of adapting to the new land. The Dutch ransacked the village, the second most important of the captaincy of Itamaracá, on the 1st of May, 1632.

#### **FORT ORANGE OR THE FORTRESS OF SANTA CRUZ**

Fort Orange, on Itamaracá Island, belonged to the West India Company between 1631 and 1654. When it became part of the defence system developed by the Portuguese-Brazilians after the exit of the Dutch, its name changed to Santa Cruz fortress. The primitive construction, with its mud walls, was maintained for around 65 years and was used by the Portuguese-Brazilians, undergoing renovations during this time. The reports talk about

reconstructions, but from 1696 the structures of the former Dutch fort were in fact demolished, with the mud walls replaced with stone and lime walls and the Arms Square deepened and widened. The archaeologist Marcos Albuquerque believes, therefore, that what took place was in fact a whole new construction, with the Dutch fort remaining beneath the current fortress.

#### **IGARASSU IN THE 19TH CENTURY**

*... located on a hill and partly on the plain, irrigated by a stream, crossed by a stone bridge, because the tides reach this point, making communications precarious. The place clearly demonstrates that it has enjoyed greater prosperity than it presently possesses. Many houses have two decks, but are decaying and some look decadent and ruined. The streets are paved, but they need repairs and the grass covers several spots. It features many churches, a convent, the Retreat or Shelter for women, the City Chambers and jail. Its prosperity was formerly due to the weekly cattle fair, which met in a neighbouring plain, but a few years ago, it moved to the outskirts of Goiana. Igarassu has many white residents, several shops and a good surgeon, educated in Lisbon. It*

*is a meeting place for farmers, from many leagues of distance, either to load their sugar crops, or to acquire objects of necessity. This village will have about eight hundred inhabitants, computing the sparse huts in the vicinity. It is said that the landscape, seen from the tower of the mother church, is grand and beautiful.*

HENRY KOSTER, 1810

### **SANTOS COSME E DAMIÃO CHURCH**

The history of Igarassu began, in a sense, with the story of the construction of the Santos Cosme e Damião Church, which was founded in 1535 and is considered the oldest church in Brazil. The primitive chapel, probably in rammed earth style, no longer existed in January of 1594. Tradition led the Portuguese, after defeating the Caetés on the 27th of September 1535, a fact attributed to the intervention of saints Cosmas and Damian, to begin erecting a consecrated votive temple for the twin brothers. Expenses for its initial construction were covered by Captain Afonso Gonçalves, the same captain that defeated the Indians and founded Igarassu's first sugar cane mill, Engenho Capitão.

In 1729 the church received, in the form of ex-votes, four large panels of painting on wood that relate the miracles of Saints Cosmas and Damian in the village. The first deals with the arrival and disembarking of the Portuguese; the second relates to the construction of the church; the third deals with a Dutch invasion of the village, and the fourth deals with an epidemic of yellow fever that plagued Pernambuco from the year 1685 onwards. The panels are currently part of the collection at the Pinacoteca Museum, installed in the old dormitory of the novices, in the Franciscan Convent of Igarassu.

In addition to the Matriz Church, Igarassu also has other Catholic buildings that show the importance of religion and religious orders in the organization of social life, among them the São Sebastião Chapel (1722-1735), Nossa Senhora da Conceição Church (1749), Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos Church (which already existed in 1701) and the Nossa Senhora do Livramento Church (18th century). Also worthy of mention are the ruins of the Misericórdia Church (which already existed in 1594) and the Santa Cruz Church (already existent in the 16th century).

### **SUGAR MILL**

Around 64 sugarcane mills were installed in the territory of Igarassu during the three and a half centuries of Brazilian slavery. Of a rural and strongly patriarchal nature, they had both economic and military functions. During the period of hereditary captaincies, there was no clear notion of government in what is now Brazil: it was composed of several "big houses" and their slave quarters, which made the sugar economy function, like a large farm divided into lots that was subordinate to the Portuguese Crown. A sugar mill, therefore, was a complete organism that should not have to depend on external provisions: it had chapels for masses, plantations and herds of subsistence animals, sawmills for furniture, and even schools in which priests taught children to read and write. Everything was arranged very tightly together, facilitating defence against invaders.

The first known sugar mill in Igarassu was Engenho Capitão – founded by Captain Afonso Gonçalves – but its existence was brief, as it would later be destroyed by the Caetés in the 16th century. Sugar mills with names

in the native Tupi language were not uncommon in the region. The Gongaçary mill (meaning "sabiá-golada", a common bird in the region) is a mixture of the African language Quimbundo ("gongá" or wise) with Tupi ("çary" or swig). One of the oldest mills, Araripe (1584), which later divided into Araripe de Cima and Araripe de Baixo, meant "in the river of the parrots". Also, Inhamã ("surrounded by water, circle of water") was baptized in the indigenous language. The Inhamã mill was even cited as "Aiama de Riba" and "Aiama de Baixo", and in 1600, parts of their lands were cut off and donated to the Jesuits of the Olinda college, who built the Monjope mill. At the end of the 17th century, it had about 100 slaves and was the most famous possession of the Jesuits in Pernambuco.

"Big houses" had many porches and balconies, being adapted to the hot and humid climate of the Brazilian Northeast. They were large, but not sumptuous: their floor could be even be of compacted earth – if not wood – and they were built using rammed earth, as well as stone, lime, thatched roof, thatch or tiles. Sadly, the real meaning of luxury was to have full slave

quarters: the more people that were enslaved, the more wealth and power was flaunted.

### SLAVE QUARTERS

"There is a people that lends its own flag to cover so much infamy and cowardice," Castro Alves wrote in *The Black Ship*. The young abolitionist poet was referring to the Brazilians who still allowed slavery, which began with the first donatory Duarte Coelho, to take place in his country. The determination to plant sugarcane in Pernambuco came hand-in-hand with the forced human labour imposed, above all, on black slaves brought from the coast of West Africa.

In the second decade of the 16th century, each sugar mill lord had permission to own up to 120 slaves from the Congo. And thus, sugarcane became established on this soil, leading Father Vieira to affirm that "without black people, there is no Pernambuco." In an objectifying discourse, slaves were called "living breath," "parts from Guinea," "parts from Africa," or "living ebony." Although racism did not allow blacks to be recognized as people with cognitive capabilities, they were not isolated and had their own interpretation of the system in

which they were inserted. They fled and organized themselves in *quilombo* communities, the most famous of these being the Quilombo of Catucá.

Crossing the Atlantic together, breaking their original relationships of kin, made the Africans *malungos*, or travel companions.

The loss of territories in the first African diaspora allowed the recognition of a common culture, based on a broad feeling of solidarity, in which black people reconsidered their identity as no longer being reduced to ethnic or national borders, but through the *Black Atlantic*, a term created by Paul Gilroy. The tragedy of the transatlantic trade of black men and women of different nations and cultures.

This room, now occupied by the directors of the Museu Histórico de Igarassu, functioned as a slave quarters with a lowered ceiling, where enslaved black people remained in the brief moments in which they could recover before a new day of forced labour, without being able to stand upright. It is a space of memory for the city of Igarassu and above all, a space to reflect on the racial inequality of the present.

